



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
1996-2023-2024

FAKE NEWS NO PROCESSO ELEITORAL BRASILEIRO DE 2018: EFEITOS DE SENTIDOS CIRCULANTES EM SOCIEDADE

*FAKE NEWS IN THE 2018 BRAZILIAN ELECTORAL PROCESS: EFFECTS OF MEANINGS
CIRCULATING IN SOCIETY*

Andréia Muniz Lisboa

<https://orcid.org/0000-0002-4237-3273>

Thiago Barbosa Soares

<https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

Resumo: Este trabalho tem o objetivo analisar os efeitos de sentido materializados em uma Fake News retirada da agência de checagem de notícias, APF checamos (2018), que circulou nas vias midiáticas durante as eleições presidenciais brasileiras de 2018. O aporte teórico-metodológico ancora-se, sobretudo, nos trabalhos derivados da Análise do Discurso de filiação pecheutiana, a partir da qual mobilizamos as noções de formação discursiva e de memória discursiva (PÊCHEUX, 2014a; 2014b), além de utilizar outros autores como; Foucault (2014a; 2014b), Orlandi (2001; 2014; 2015), Maingueneau (1997; 2002; 2015) entre outros. Os gestos de descrição e interpretação mobilizados na análise mostram a formação discursiva do político corrupto, atualizando a memória discursiva do acontecimento histórico dos processos do Mensalão e da Operação Lava Jato, que culminou na prisão do Presidente Lula. Tal movimentação de sentido instaura a elaboração de uma rede discursiva, convocando sítios de significância que fazem retomar os já ditos "Lula ladrão" e "Bandido bom é bandido morto", cujos sentidos apontam um discurso moralista atravessado pelo discurso de ódio que fabrica a retórica do cidadão de bem versus cidadão do mal.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Eleições brasileiras. Fake News. Discurso. Política.

Abstract: This paper aims to analyze the effects of meaning materialized in a Fake News taken from the news checking agency, APF (2018), which circulated in the media channels during the 2018 Brazilian presidential elections. Our methodological theoretical contribution is anchored, above all, in the works derived from discourse analysis of pecheutian affiliation, from which we mobilize the notions of discursive formation and discursive memory (PÊCHEUX, 2014a; 2014b), in addition to using other authors such as; Foucault (2014a; 2014b), Orlandi (2001; 2014; 2015) and the notion discursive ethos of Maingueneau (1997; 2002; 2015) among others. The gestures of description and interpretation mobilized in the analysis show the discursive formation of the corrupt politician, updating the discursive memory of the historical the Mensalão and Operation Lava Jato processes, which culminated in the arrest of former President Lula. The movement of meaning of the materiality establishes the elaboration of a discursive network, summoning sites of significance that make resume the already said "Lula thief" and "A good criminal is a dead criminal" whose meanings point to a moralist discourse crossed by the discourse of hate that manufactures the rhetoric of good citizen versus evil citizen.

Keywords: Discourse Analysis. Brazilian elections. Fake News. Discourse. Politics.



INTRODUÇÃO

O epicentro norteador das chamadas *Fake News* se deu durante o processo eleitoral norte-americano em 2016, seguido pela saída do Reino Unido da União Europeia, conhecido como *Brexit*, em 2016, e das eleições presidenciais brasileiras, em 2018. Esse fenômeno, desde quando emergiu, ganhou demasiadas significações, o que faz questionar: o que é propriamente uma *Fake News*? Para tentar responder a essa questão, inicia-se com a premissa de que nem tudo o que é considerado *Fake News* é, de fato, uma *Fake News*. No decorrer desse trabalho, será apresentado numa perspectiva discursiva a categorização desse gênero e suas distinções, posteriormente, analisado os efeitos de sentido materializados em um *Fake News* circulada durante as eleições de 2018 retirada da agência de checagem de notícias APF (2018).

Os neologismos¹ são recorrentemente utilizados no Brasil e seu uso está inserido na formação social brasileira marcada pela colonização exploratória e extrativista empreendida pelos portugueses. Esse processo interseccionou, como denomina Mariani (2004), uma colonização linguística que vai ao encontro das instâncias linguísticas de povos de culturas diferentes. Em termos ideológicos, conforme Mariani (2004), esse processo colonizador e linguístico do português provocou rupturas em processos semânticos, carregando uma memória europeia que “historicizou-se de modo diferente em função do contato com as demais línguas e em função da própria formação histórico-social e posterior transformação política da colônia em nação independente” (MARIANI, 2004, p. 22). Com base nessas considerações, pode-se entender como o processo colonial torna parte da herança vocabular linguística nacional e,

1 Para Biderman (1978) as unidades lexicais neológicas são divididas por um neologismo formal “uma palavra nova introduzida no idioma. Pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro” ou um neologismo conceptual que é o resultado “uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer” (BIDERMAN, 1987, p. 158-166). Dentro dessa perspectiva, no caso do objeto em análise, refere-se ao neologismo formal. Todavia, esse conceito não será abordado aqui como categoria analítica, dado que a lupa de análise se debruçará não somente pela caracterização da terminologia, mas também aos efeitos de sentido que o circunda.

mais ainda, explica, em partes, a aceitabilidade de terminologias estrangeiras na cultura brasileira, a saber, o termo *Fake News* que foi incorporado e é comumente utilizado de forma genérica sem se preocupar com sua definição. Sobre essa questão, será delineado, a seguir, alguns apontamentos.



No que se refere à Análise do Discurso de linha francesa, os trabalhos de Maingueneau (2002, 2015) trazem importantes reflexões sobre a categoria de gênero, atribuindo um caráter discursivo. Para o autor, “os gêneros discursivos constituem, de alguma maneira, átomos de atividade discursiva. Mas eles só adquirem sentido quando integrados a unidade de classe superior, os tipos dos discursos” (MAINGUENEAU, 2015, p. 66). O autor salienta que a lista de gênero se torna indeterminada, pois ela tende a variar conforme os lugares, as épocas e as coerções próprias de cada um, estes, por sua vez, devem ser analisados tendo por objeto o discurso que nelas se materializam. Sendo assim, “o texto não é um conjunto de signos inertes, mas um rastro deixado pelo discurso em que a fala é encenada” (MAINGUENEAU, 2002, p. 84). Dessa maneira, todo texto é composto por três subcenas: a englobante (a tipologia discursiva), a genérica (referente ao gênero do discurso e as características que o delimitam) e a cenografia (espaço específico em que o discurso ocorre). Um discurso religioso, por exemplo, promovido por uma propaganda eleitoral pode ocorrer em um formato enunciativo de folheto informativo, criando uma cenografia que pode ou não coincidir com os elementos da cena genérica. Tomando essas considerações e voltando o olhar para as chamadas *Fake News*, em sua maioria, não configuram, propriamente, o gênero de notícia. Parte expressiva desses conteúdos enviados constitui-se por textos de caráter sensacionalista, sem fonte de verificabilidade. Embora, algumas, em certa medida, utilizem-se de uma parte da estrutura estilística da narrativa jornalista, seu conteúdo e sua forma composicional debruçam na seara dos boatos, da desinformação e/ou da manipulação de fatos, aproximando-se da ideia de meia verdade do que de uma notícia falsa.

Outrossim, é importante esclarecer que tal distinção de leitura do que é ou não *Fake News* é relevante. Entretanto, interessa, também, os discursos ancorados nas materialidades. Para tanto, Sargentini e Carvalho (2021) apontam que “a produção



de discursos e suas formas de circulação são elementos centrais na construção das notícias, sejam falsas ou não” (SARGENTINI; CARVALHO, 2021, p. 73). Segundo Soares (2022a; 2022b), o papel que a mídia desempenha na sociedade desde outrora está além de oferecer entretenimentos e informação, haja vista que ela “gerencia os discursos circulantes ao ponto de se tornar uma espécie de reguladora de discursos” (SOARES, 2022, p. 37). Nessa instância midiática, a produção de sentidos é atravessada pelos “sujeitos dos sucessos” (SOARES; 2018; 2020; 2022a; 2022b) que reconfiguram os espaços do dizer. Partindo desse ponto de vista, nas veiculações de notícias falsas, as vozes dos sujeitos do sucesso são partes importantes na validação e na credibilização do conteúdo. Isso porque na sociedade contemporânea, o discurso do sucesso é “o discurso das classes detentoras dos meios de produção da vida social-geradoras fundamentais das desigualdades e discriminações-travestidas das significações de glória midiática, de autonomia financeira, de realização pessoal e profissional” (SOARES, 2022, p. 29).

247

Dessa maneira, no âmbito de entendimento discursivo, pensar as chamadas notícias falsas da atualidade leva em conta a maneira como os sujeitos se inscrevem nas formações discursivas e produzem discursos. Tais considerações iniciais subsidiam, a proposta deste trabalho que trata, especificamente, de analisar os efeitos de sentido de uma *Fake News* veiculada durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018. No movimento de descrição e interpretação do objeto analítico, faz-se uso dos pressupostos teóricos circunscritos ao campo da Análise do Discurso derivada dos fundamentos de Pêcheux (2014a; 2015b), Orlandi (2001; 2014; 2015) e Maingueneau (1997; 2002; 2015), Foucault (2014a; 2014b) entre outros. Posteriormente, serão apresentadas as considerações finais e as referências. Importante ressaltar que se escolheu esse objeto de estudo pelo fato de que ele faz parte do *corpus* que constitui as discussões de resultados parciais da dissertação de mestrado em andamento.

QUADRO TEÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Para iniciar as considerações a respeito do ferramental analítico que embasará a análise, é importante mencionar

FAKE NEWS NO PROCESSO
ELEITORAL BRASILEIRO....
Afluente, UFMA/CCEL, v.8, n.23,
p. 244-262, jun/dez de 2023
ISSN 2525-3441



que, dentro do quadro teórico da Análise do Discurso, doravante (AD), a noção de memória discursiva e a de interdiscurso possuem algumas nuances de significância. Para Orlandi (2015), memória discursiva e interdiscurso são tomadas como sinônimos, dizem respeito ao já-lá “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2015, p. 29). Na concepção de Pêcheux (2014b), o interdiscurso se manifesta por duas instâncias: pelos pré-construído e pelo discurso transversal. Já para Courtine (2014), os enunciados existem no tempo longo de uma memória, “é então, exatamente, a relação entre interdiscurso e intradiscurso que se representa neste particular efeito discursivo, por ocasião do qual uma formulação origem retorna na atualidade de uma ‘conjuntura discursiva’, e que designamos como efeito de memória” (COURTINE, 2014, p. 106, aspas do autor). Dessarte, é importante enfatizar que, na Análise do Discurso, as noções utilizadas para aplicação no objeto analítico não são concebidas de forma isolada umas das outras. Elas operam no sentido de que se conceba a ideia de formação de uma rede de relações que funcionam, simultaneamente, nos processos discursivos. Portanto, enquanto será explicitado uma noção, fará uso de outras noções e, assim, sucessivamente.

Com efeito, a noção de memória discursiva é cunhada por Courtine (2014) a partir dos trabalhos de Foucault, e não se relaciona com a memória cognitiva, mas se refere “à existência histórica do enunciado” (COURTINE, 2014, p. 105-106). Outrossim, Courtine (2014) defende que toda produção discursiva acontece numa conjuntura dada que coloca em movimento formulações anteriores já enunciadas. Assim, a memória discursiva não é linear, ela é atravessada por formulações discursivas (FD) contrapostas e é por meio delas que os discursos são retomados, atualizando o acontecimento discursivo. Segundo Indursky (2011), a memória discursiva diz respeito à “existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos” (INDURSKY, 2011, p. 86). Para a autora, o sujeito ao enunciar é afetado pelas formulações ideológicas e pelo inconsciente. Assim, seu dizer “inscreve-se, sem que ele perceba, em uma formação discursiva determinada, de onde não só ele retira os elementos de saber que se organizam no



interior de seu discurso, como também e, sobretudo, ele se significa ao significar ou re-significa seu dizer” (INDURSKY 2003, p. 102).

Pêcheux (2014b) reformula a noção de formação discursiva a partir dos trabalhos de Foucault para aplicá-la na teoria do discurso. O autor define que a formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, mas, é constitutivamente “invadidos por elementos vindos de outros lugares (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de ‘pré-construídos’ e de ‘discursos transversos” (PÊCHEUX, 2014b, p. 314, aspas do autor). Para Orlandi (2015), os sentidos dependem das relações que se constroem nas e pelas formações discursivas que são “constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 2015, p. 42). Dessarte, a autora enfatiza que é pela formação discursiva que se torna possível compreender os diferentes sentidos do funcionamento discursivo, e se dá por meio da relação existente entre a formação ideológica e a formação discursiva, sob a forma de condições de produção.

Pêcheux (2014b) argumenta que a memória discursiva atua por uma ou mais formações discursivas (FD), essas submetidas à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo de formações ideológicas (FI). Essa construção discursiva determina o que deve ser dito e o que não deve ser dito no processo discursivo que o sujeito do discurso assume quando enuncia. Para Pêcheux (2014b), a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso se dá pela FD na qual o sujeito se inscreve segundo a relação com o já-lá da interpelação ideológica. Conforme o autor, o caráter da forma-sujeito “dissimula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como puro ‘já-dito’ do intra-discurso, no qual ele se articula por co-referência” (PÊCHEUX, 2014, p. 167, aspas do autor). Desse modo, como pontua o autor, os elementos do interdiscurso de uma dada FD são reinscritos no discurso do sujeito que tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso. Assim, quem enuncia esquece-se da formação discursiva onde se inscreveu e reproduz discursos a partir de um já-dito. Segundo Indursky (2003), os saberes se originam em uma rede de

reformulações quando enunciados. Esses saberes encontram-se no interior de uma estrutura vertical (interdiscurso), a existência anterior do enunciado, e em uma linha horizontal (intradiscurso) que “consiste na forma que o enunciado tomou em seu discurso, após passar pelo processo de apropriação e sintagmatização” (INDUSRKY, 2003, p.

103). É nesse encontro de uma memória com uma atualidade que o acontecimento discursivo tem seu espaço.

Pêcheux (2015a), ao analisar o resultado das eleições francesas em 1981, propõe pensar o discurso como materialidade constituída por uma estrutura e por um acontecimento, estabelecendo a relação entre o acontecimento e o momento histórico da sua enunciação. Ele mostra, por meio da análise do enunciado *on gagné* (ganhamos), que estrutura e acontecimento estão presentes nos processos discursivos. Embora o enunciado se apresente simples e transparente, ele é profundamente opaco com outras interpretações. Na análise do autor, o enunciado *on gagné* é percebido com uma peculiaridade no campo político, que entrou por força da especularização midiática em torno dos resultados das eleições francesas, transformando a política em um campeonato de futebol televisionado. Esse espaço do discurso político moveu e assumiu a especularização como parte de seu funcionamento. Conforme Pêcheux (2015a), o choque do acontecimento funciona, na memória, como um jogo de forças que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos. Dessa forma, há um jogo de forças funcionando entre a memória e o acontecimento discursivo, que desloca e regula a rede de implícitos. Assim, o acontecimento discursivo desloca os espaços de memória e demonstra que, em determinadas conjunturas, os enunciados podem reconfigurar em pontos de deriva, possibilitando outras interpretações (PÊCHEUX, 2015a).



EFEITOS DE SENTIDO DAS *FAKE NEWS* NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2018



exposta à cenografia que compõe o gênero notícia. Posteriormente, será analisado as sequências discursivas que fazem parte desse quadro cênico.

Figura 1 – *Fake News* disseminadas durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018.



251

Segundo Maingueneau (1997; 2015), todo gênero se constitui em um espaço e um tempo apreendido no processo enunciativo, estabelecendo sentidos. A enunciação trazida neste trabalho, é percebida como um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos. De acordo com Maingueneau (2002), a topografia e cronografia constituem a cenografia do *corpus* discursivo, trata-se, no caso do objeto analítico, de uma *Fake News* disseminada durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018, retirada da agência de checagem de notícias, APF Checamos (2018), sobre uma pesquisa nas penitenciárias brasileiras, na época em que o ex-presidente do Brasil era candidato à presidência. Essa materialidade foi elaborada em um momento histórico no qual o Partido dos Trabalhadores (PT) sofre uma queda de popularidade devido aos processos do Mensalão e da Operação Lava Jato que aproximam o partido de situações de corrupção no governo. Por outro lado, tem-se uma ascensão significativa dos candidatos dos partidos da direita que promovem um *slogan* patriota, religioso e de anticorrupção, tendo como seu principal fiador, Jair Messias Bolsonaro.

Conforme Maingueneau (1997), todo gênero do discurso implica responder à questão “estamos aqui para



dizer ou fazer o quê?” (MAINGUENEAU, 2001, p. 72), isto é, a definição e a finalidade do gênero do discurso. No caso da materialidade em análise, sua definição se trata de uma notícia que pertence ao domínio jornalístico cuja finalidade é a de informar sobre determinada pesquisa. Nesse aspecto, há uma questão importante para ser mencionada: no caso da estrutura linguística “News”, esta reporta para uma tradução que permite a atribuição de significado equivalente à notícia nova e atual, dando ideia de que esse tipo de notícia se configura como informação jornalística nova que não se baseia em acontecimentos passados, isto é, uma informação jornalística com finalidade de se manter na esfera do presente. Nessa esteira, conforme os postulados de Maingueneau (2001), cabe observar algumas características que compõem o gênero de discurso com; 1) a temporalidade; 2) uma periodicidade; 3) o encadeamento; 4) a continuidade; 5) e a duração de validade. Além disso, há o suporte material na dimensão midiológica do enunciado “a modificação do suporte material modifica radicalmente um gênero discursivo” (MAINGUENEAU, 2001, p. 75), além de enfatizar os recursos linguísticos específicos para cada gênero do discurso. Ao tomar por base essas concepções e ao voltar o olhar investigativo para a materialidade deste trabalho, em primeiro momento, considera-se a possibilidade de que se trata de uma notícia, uma vez que há presença de características informacionais que estruturam a narrativa de uma notícia. O texto da materialidade está acompanhado da dimensão midiológica: um jornal brasileiro, G1, na versão *online*.

A temporalidade faz remissão ao ano de 2018, época em que estava acontecendo a corrida eleitoral brasileira. Há indícios de uma pesquisa com dados estatísticos, (embora não mostre a fonte), os recursos linguísticos empregados tanto no título quanto no subtítulo se caracterizam como uma manchete jornalística veiculada em um jornal digital, no formato *online*, compartilhado em outros gêneros, as mídias digitais (*Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*). De acordo com Maingueneau (2011), todo texto é um gênero do discurso, e esse corresponde a diversos tipos de discursos que estão associados a “vastos setores da atividade social” (MAINGUENEAU, 2001),

“um ‘*talk-show*’ constitui um gênero discursivo no interior do tipo de discurso ‘televisivo’ que, por sua vez, faz parte de um conjunto mais vasto, o tipo de discurso ‘midiático’, em que



figurariam também o tipo de discurso radiofônico e o da empresa escrita” (MAINGUENEAU, 2001, p. 67-68, aspas do autor). A materialidade em análise trata de uma manchete jornalista veiculada por um jornal *online* que se configura no tipo de discurso midiático que foi compartilhada em diferentes esferas midiáticas. Não obstante, nesse espaço digital, o discurso midiático que engendra o gênero notícia está atravessado pelo discurso jornalístico que silencia um discurso político. Conforme Orlandi (2001), “é o silêncio que existem as palavras, que as atravessa, que significa o não-dito e que dá um espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar” (ORLANDI, 2001, p. 128). Nessa senda, o discurso jornalístico aforiza o discurso político, revelando o que se quer enunciar ao sujeito em foco.

Nesse ponto, o discurso jornalístico é atravessado pelo discurso político, mobilizando os enunciadores a se inscreverem em uma formação discursiva político-partidária. Conforme Pêcheux (2014, p. 147), as palavras e as expressões “recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”, os indivíduos interpelados em sujeitos do discurso pelas Formações Discursivas estão atravessados pelas Formações Ideológicas. Assim sendo, “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p. 148, aspas do autor). É nesse processo que o indivíduo, na sua inscrição como sujeito do discurso “se ‘esquece’ das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa - entendemos que, sendo ‘sempre’ já sujeito, ele ‘sempre-já’ se esqueceu das determinações que o constituem como tal” (PÊCHEUX, 2014, p. 158, aspas do autor).

Feitas essas considerações estruturais que definem o tipo de gênero da materialidade, em análise, segue para examinar a verificabilidade da notícia. Segundo a agência de checagem de notícia APF Checamos (2018), a primeira versão da manchete jornalística foi compartilhada no *Twitter* e no *Facebook*, sendo repostada milhares de vezes. Segundo Apf checamos (2019), o primeiro compartilhamento foi no dia 18 de julho de 2018 por meio de um meme divulgado pela página “movimentoIndependenteBr”. Posteriormente, outras

páginas como SomostodosBolsonaro fizeram o *repost*, enquanto foi viralizando mais usuários que se identificaram com a formação discursiva tratada na notícia e republicaram-na por meio de diferentes ferramentas digitais.



A agência de checagem de notícia Apf checamos (2018) consultou a assessoria de comunicação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para apurar os fatos e foi informada pelo TSE de que não havia nenhum registro de pesquisa de intenção de voto realizada em presídios e em delegacias brasileiras e que, para ser realizada uma pesquisa nesse teor, faz-se necessário uma solicitação requerida pela empresa solicitando a realização da pesquisa. A agência acrescentou, ainda, que, para uma pesquisa ser efetivada, ela “deve ser registrada junto ao órgão pela empresa pesquisadora e os dados sobre sua realização devem estar disponíveis no site do Tribunal” (TSE apud APFCHECAMOS, 2018, [s. p]). Além disso, a agência contatou a seção de política do portal G1 e recebeu a informação de que a notícia não foi elaborada pelo jornal, mas construída por meio de bricolagem utilizando o *layout* do jornal. Diante disso, pode-se considerar que a materialidade em análise se configura como uma manchete jornalística falsa. A seguir, será apresentada e analisada as sequências discursivas escolhidas.

254

O substantivo feminino que inicia a sentença da SD1 “Pesquisa aponta que o índice de rejeição a Jair Bolsonaro chega a 100% em cadeias e presídios” (APF CHECAMOS, 2018, [s. p]), marca um discurso científico numa formação discursiva política, fazendo funcionar os discursos sobre o sistema carcerário, bem como silencia a ausência de pautas políticas que promovem ações que viabilizam as questões inerentes ao sistema prisional brasileiro. Conforme Foucault (2014b), a produção do discurso na sociedade é ao mesmo tempo “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos cuja função é conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014a, p. 8-9). O rigor científico mostrado na materialidade produz um efeito de sentido de confiabilidade do que está sendo levantado, pois a estrutura enunciativa formulada mostra que não se trata de um conhecimento empírico, mas de uma comutação de dados levantados a partir de uma pesquisa feita no sistema prisional brasileiro.



Na sequência SD2, “Foram entrevistados 13.000 detentos em 450 presídios e 150 delegacias de todo o país” (APF CHECAMOS, 2018, [s. p]), os símbolos numéricos apresentados na materialidade do enunciado respaldam os dados computados, ou seja, o texto formulado se apresenta aparentemente com indícios de um levantamento de dados, mostrando em porcentagem os resultados acerca da temática. Cabe salientar, ainda, os sujeitos que ocupam o lugar marginalizado das prisões carcerárias no Brasil. Segundo o Anuário de Segurança Pública de 2019 (ANUÁRIO, 2019, [s. p]), o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo. Confirmando o perfil histórico dos presos no país, a população carcerária negra segue compondo o quantitativo de 429, 2 mil detentos, o que representa 67, 7% do total. Enquanto isso, a população carcerária branca vem diminuindo com 184, 7 mil (29% do total). Além disso, segundo os dados cooptados sobre as penitenciárias brasileiras, em junho de 2019, as condições de escolaridade dos presos que estão em condição de encarceramento são: 317.542 dos encarcerados não completaram o ensino fundamental, 101.793 têm o ensino médio incompleto, 18.711 são analfabetos e 4.181 possuem ensino superior completo (ANUÁRIO, 2019, [s. p]). Esses dados mostram quais sujeitos fazem parte dessa parcela carcerária que, em sua maioria, trata-se de pobres e negros.

Com base no exposto, a imagem de si do enunciador² no objeto, mesclado a expressão sorridente, o gesto de simulação de arma com as mãos e o tom de sarcasmo desliza o sentido do político engravatado para o criminoso popular. A essência do bandido pré-concebido socialmente é recuperada para marcar uma política a favor do armamento, carro chefe da campanha eleitoral do Ex-presidente do Brasil. Simultaneamente, a imagem é recuperada pelo gesto com as mãos que atualiza o jargão

2 A noção de ethos discursivo é trazida por Maingueneau (2002) que se refere à imagem de si do enunciador no discurso. Tal noção é, de certa forma, uma atualização do conceito de formação imaginária de Pêcheux (2014), mas da perspectiva da teatralização da fala. Escolheu-se, para essa notícia falsa, tratar do ethos porque em objetos visuais (como imagens) a encenação da fala torna-se mais latente, além do fato de que as imagens operam como simulacros da realidade.



“bandido bom é bandido morto”, funcionando como indicador da parcela da população brasileira que estaria na mira. Esse movimento aponta uma configuração interdiscursiva sobre o discurso penitenciário que movimenta efeitos de sentido sobre o que é ser delinquente, bandido e marginal no Brasil. Esses efeitos de sentido marca as características sociais dos sujeitos que compõem o sistema prisional brasileiro que, na maioria, é constituído pela parcela de indivíduos que vive à margem (MONTEIRO; CARDOSO, 2013). São estes autuados, discursivamente, na manchete como não sendo a maioria votante do candidato do Partido Liberal (PL), em 2018. A construção social do bandido exposto na manchete não diz respeito aos sujeitos que compõem a classe social média alta de colarinho branco, mas aos sujeitos que ocupam o lugar materializado na cor e na classe social historicamente definida que está ligada à população pobre e preta que devem permanecer excluídos dos projetos de gestão governamental.

Conforme apregoa Foucault (2014a), o sistema penitenciário está ancorado na ordem do discurso de coerção disciplinar que detém autoridade e controle dos corpos socialmente excluídos, tendo como base o poder coercitivo centrado no adestramento dos indivíduos a partir da punição. Como observa o autor, a disciplina foi uma tendência pedagógica entre o século XVIII para o século XIX, período em que a filosofia racionalista cartesiana obteve avanços científicos, em especial, no campo das ciências humanas. Nessa esfera, o corpo manipulável e dócil torna-se objeto e, ao mesmo tempo, alvo de poder, sendo útil e passível de aperfeiçoamento. É nessa conjuntura histórica, que a disciplina passa a ser a chave para correção do comportamento desviante. Aqueles que não se enquadram na ordem do discurso disciplinar precisam ser capturados para serem ensinados a viver em sociedade. Na sociedade do discurso, a função é “conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (FOUCAULT, 2014a, p. 37).

Ainda sobre essa questão, Foucault (2014a) mostra a contradição estrutural das prisões que, ao receber um infrator, transforma-o em um delinquente em manutenção das relações de poder existentes na sociedade. Para o autor, as prisões emergem



como espaço em que objetiva a redução e a reinserção do infrator à sociedade. É preciso que esse indivíduo perca seus bens, sua honra, seu tempo, seu corpo, sua liberdade para que, assim, ele aprenda a viver em sociedade. Entretanto, cabe reforçar que o funcionamento das penitenciárias, sobretudo as brasileiras, encontra-se em situações insalubres de preservação de direitos e dignidade do apenado. São ambientes de produção de delinquentes em massa, ou seja, os infratores saem mais criminosos e com grau de periculosidade maior do que quando entraram (MONTEIRO; CARDOSO, 2013). O lugar da prisão é, então, atravessado pelo discurso de exclusão, produzindo duas dimensões intradiscursivas entre o sujeito desejante, interpelado pelo *ethos* de cidadão de bem, e o sujeito indesejado, marcado ideologicamente pelo marginal que “na apropriação social desse discurso, há regras silenciosas e variáveis, apresentando historicamente o Brasil que configura essa dicotomia do cidadão de bem e o cidadão do mal - bandido, o inimigo” (FERNANDES; SOARES, 2020, p. 52).

257

Nessa esteira, o discurso penitenciário que movimenta os sentidos de punição refere-se ao corpo social estigmatizado pelas diferentes segregações de direitos existentes na sociedade e que deve continuar sendo excluído das pautas políticas, porque ele não deve ser constituído na esfera social como cidadãos com acesso aos direitos, pois não fazem parte dos “parâmetros” legais do que é ser um cidadão. No excerto “o maior medo dos presos” da SD3 “o maior medo dos presos é que Bolsonaro vença a corrida ao Planalto” (APF, 2018), vemos a estrutura interdiscursiva “todo político é ladrão” sendo atualizada para um político anticorrupção distanciando sua imagem das situações de corrupção na política. Essa configuração atualiza o discurso de segregação carcerária vigente no Brasil. Portanto, o lugar que ocupam os indivíduos que estão sendo apresentados na pesquisa tem características específicas, não é qualquer delinquente, mas aquele que faz parte da grande maioria que estão alojadas nas cadeias brasileiras. Todavia, são aqueles que fazem parte de uma pequena parcela que, quando saem e começam o período de readaptação social, sofrem rejeição social.

Orlandi (2014) pontua que os sujeitos, na sociedade capitalista, são “juridicamente constituídos pelos nossos



direitos e deveres, iguais perante a lei, somos apresentados como sujeitos livres e responsáveis. Igualdade e diferença se conjugam no mesmo lugar, quando se trata do Estado e da sociedade capitalista” (ORLANDI, 2014, p. 33). Na materialidade em análise, o lugar do presidiário é marcado pelo discurso de segregação racial, de ódio e exclusão à população que constitui a maioria das penitenciárias brasileiras. As questões raciais cerceiam os direitos que a eles não se negam, mas silenciam. Confundem, diariamente, guarda-chuva com fuzil na mão de preto (MOURA, 2018), bandido com pai de família de 80 anos alvejado em seu carro (DA REDAÇÃO, 2019), asfixia um jovem negro em ar livre (PONTE, 2018) e tantos outros exemplos tais quais são reportados cotidianamente. A lei existe para todos, mas os modos de funcionamento, em muitos casos, são atravessados pela formação social que estrutura Brasil colônia de 1.500, racista e opressora. A seletividade penal de cunho racial dificulta, ainda mais, os indivíduos negros, pobres e periféricos. Esse corpo que é também “diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o supliciam, o constroem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram deles signos” (COURTINE, 2013, p. 16).

Como argumenta Orlandi (2014), “o já-dito constitui o saber discursivo estruturado pelo esquecimento que habita em nós. E é este imaginário (social) em que vivemos que preside nossa relação com o outro e o Outro, em uma sociedade dividida e estruturada pela divisão” (ORLANDI, 2014, p. 33). Na sociedade capitalista, dividida pelas relações de poder, “funcionam na hierarquização em que se praticam as relações de forças e de sentidos, tudo isto constituindo as condições de produção em que se dá a divisão entre sujeitos nessa sociedade, e os processos de constituição de suas identidades” (ORLANDI, 2014, p. 33). Nesse sentido, a formação discursiva política que defende a aplicação de leis mais severas nas penitenciárias atualiza a memória discursiva do acontecimento histórico dos processos do Mensalão e do Operação Lava Jato, que culminou na prisão de muitas figuras políticas por corrupção no governo, entre elas, o Presidente Lula. A

movimentação de sentido da materialidade instaura a elaboração de uma rede discursiva, convocando sítios de significância que faz retomar os já-ditos “Lula ladrão” e



“bandido bom é bandido morto”, cujos sentidos apontam um discurso moralista atravessado pelo discurso de ódio que fabrica a retórica do “cidadão de bem” *versus* “cidadão do mal”.

Como aponta Foucault sobre o poder disciplinar (2014), nessa sociedade panóptica, “a prisão é apenas a continuação natural, nada mais que um grau superior dessa hierarquia percorrida passo a passo. O delinquente é um produto da instituição” (FOUCAULT, 2014a, p. 296). Conforme o autor, o sistema carcerário, tal qual é instituído na sociedade, produz efeito de sentido de tornar natural e legítimo o direito de punir, nessa instância, “tende a apagar o que possa haver de exorbitante no exercício do castigo, fazendo funcionar um em relação ao outro os dois registros, em que se divide: um, legal, da justiça, outro extralegal, da disciplina” (FOUCAULT, 2014a, p. 297). Ademais, como assinala Foucault (2014b), o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014b, p. 10). Com efeito, conforme Soares (2018), os discursos são espaços conflitantes que se movem segundo determinadas condições de produção e são atravessados por determinadas formações discursivas as quais o sujeito do discurso assume quando enuncia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões propostas, este trabalho apresentou, inicialmente, breves discussões acerca da compreensão do termo *Fake News* em uma concepção discursiva, além dos funcionamentos discursivos. Com base na fundamentação teórica subsidiada, percebeu-se que nem tudo que foi compartilhado nas vias midiáticas intitulado como *Fake News* é, de fato, uma notícia falsa. Amparados nos pressupostos teóricos de Maingueneau (1997; 2002; 2015), observou-se que a materialidade colocada na lupa de análise caracteriza-se como montagem de uma manchete jornalística falsa. Verificou-se também que os “sujeitos do sucesso” (SOARES, 2022a; 2022b) possui um papel importante na validação das notícias falsas, pois a imagem de quem compartilha, chancela o recebimento. Nas análises apresentadas, identificou o discurso científico a partir dos dados disponibilizados por meio de símbolos numéricos



numa formação discursiva política, mobilizando efeitos de sentido de confiabilidade do que está sendo levantado no texto que constitui a *Fake News*. A imagem de si do enunciador ratifica o lugar social do bandido numa rede interdiscursiva do processo prisional punitivo. Os já-ditos dos processos do Mensalão e do Operação Lava Jato que culminaram na prisão do Presidente Lula atualizam o acontecimento discursivo de quem é bandido e presidiário no Brasil.

Nesse jogo de reconfigurações discursivas, a estrutura intradiscursiva do político anticorrupção convoca sítios de significância que retoma, os já-ditos “Lula ladrão” e “bandido bom é bandido morto”. Neles, discurso e memória são retomados reconfigurando o *ethos* de ladrão atravessado pelo discurso moralista do “cidadão de bem” e do discurso de ódio e exclusão de pautas da população carcerária brasileira no governo, bem como o lugar e quem são os bandidos que devem permanecer na cadeia sem oportunidade de reabilitação social. Além de promover discursivamente uma campanha sobre o armamento da população. Esses sujeitos que fazem parte dessa parcela carcerária são, portanto, excluídos. Eles não se configuram como cidadãos e apresentam ameaça à nação brasileira. Essa rede discursiva se constitui pela memória social construída historicamente do sistema prisional segregador e seletivo e, dentro dessa estrutura, constrói um novo espaço de dizer, atualizando o *ethos* de bandido e o *ethos* de político anticorrupção.

260

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO de segurança pública. População carcerária volta a aumentar, mas déficit de vagas diminui: **Fórum brasileiro de segurança pública**, 2019. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-public>. Acesso em: 01 out. 2022.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

COURTINE, J, J. *Análise do discurso político*: Discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: Edufscar, 2014.



DA REDAÇÃO. Militares disparam 80 tiros em carro com família e matam motorista. *Veja*, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/militares-sao-suspeitos-de-matar-homem-que-dirigia-carro-com-familia>. Acesso em: 20 out. 2023.

APF CHECAMOS. *Fake News* disseminadas durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018. *Apf checamos*, 2018. Disponível em: <https://checamos.afp.com/nao-nenhuma-pesquisa-demonstrou-que-bolsonaro-tem-100-de-rejeicao-entre-os-presidiarios>. Acesso em: 30 out. 2022.

FERNANDES, E. A. S; SOARES, T. B. Discurso da luta contra a violência: o porte de armas e os seus efeitos de sentido. **Entremeios**, 2020, v. 23, ed especial. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/961.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: vozes, 2014a.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014b.

INDURSKY, F. Lula Lá: Estrutura E Acontecimento. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-120, 2003.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F; MITTMAN, S; FERREIRA, M. C. L. **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky Possenti, Campinas: Ponte, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírío Possenti. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

MARIANI, B. **Colonização linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

MONTEIRO, F. M; CARDOSO, G. R. A seletividade do sistema prisional brasileiro e o perfil da população carcerária: Um debate oportuno. **Civitas**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 93-117, 2013.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: Formação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. Ser diferente é ser diferente: a quem interessa as minorias. In: ORLANDI, E, P (Org). **Linguagem, sociedade, políticas**. Campinas: Rg editores, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET Françoise, HAK Tony, (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Marianni et al. 5. ed. Campinas (SP): Ed. Unicamp; 2014a. p. 59-158, 2014a.

PECHÊUX, M. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni. P. Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, M. **O discurso estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni. P. Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 2015.



PONTE, C. M. PM Confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. *El país*, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html. Acesso em: 20 out. 2023.

SARGENTINI, V; CARVALHO, P, H, V. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das fake News. In: CURCINO, L; SARGENTINI, V; PIOVEZANI, C. **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola, p. 73-85, 2021.

SOARES, T, B. Discurso do sucesso: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil contemporâneo. In: **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, n 45, v. 3, p. 1082-1091, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/658>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOARES, T, B. **Percurso linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, São Paulo: Pontes, 2018.

SOARES, T, B. Uma análise dos dizeres sobre a voz de sucesso midiático. **Caderno estudos linguísticos**, Campinas, v. 62, p. 1-17. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8654477>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SOARES, T, B. **Percurso discursivo**: Heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes, 2022a.

SOARES, T, B. Analyse du Discours et Theorie Critique: Une rencontre à travers des Médias comme objet commun. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 38, p. 128-147, jan.-abr. 2022b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/64926/42050>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SUDRÉ, Lú. Morte de homem negro asfixiado por policial nos EUA gera indignação internacional. **Brasil de fato**, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/28/morte-de-homem-negro-asfixiado-por-policiais-nos-eua-gera-indignacao-internacional>. Acesso em: 20 out. 2023.

Recebido em 20 de abril de 2023.

Aprovado em 01 de novembro de 2023.